Um Mundo de Praia

Stephen King

nave Fed ASN/29 caiu do céu e estatelou-se. Após algum tempo, dois homens esgueiraram-se de seu crânio espatifado, como se fossem miolos. Caminharam um curto trecho e então pararam, com os capacetes debaixo do braço, espiando o lugar em que haviam terminado.

Era uma praia, sem qualquer necessidade de mar - ela era seu próprio mar, um mar esculpido em areia, um mar de instantâneo-preto-e-branco, congelado para sempre em depressões e cristas, mais depressões e cristas.

Dunas.

Algumas rasas, outras íngremes, lisas ou enrugadas. Dunas com a crista de uma lâmina de faca, dunas de cristas planas, dunas de cristas irregulares, como dunas empilhadas umas sobre as outras - dunas-dominós.

Dunas. Mas sem mar.

Os vales que eram as depressões entre as dunas, serpenteavam como negros labirintos. Se alguém olhasse por tempo suficiente para aquelas linhas torcidas, elas pareciam escrever palavras - palavras negras, pairando acima das dunas brancas.

- Porra! - exclamou Shapiro.

- Calma - disse Rand.

Shapiro começou a cuspir, depois parou. Vendo toda aquela areia, pensou melhor. Aquele não era o momento de perder umidade. Semi-sepultado na areia, o ASN/29 não tinha mais a semelhança de um pássaro agonizante; parecia uma abóbora que se

esborrachara, exibindo a podridão interna. Houvera incêndio. Todas as embocaduras de combustível a estibordo tinham explodido.

- Má sorte a de Grimes - disse Shapiro.

- Hã-hã.

Os olhos de Randy ainda perscrutavam o mar de areia, até a linha limite do horizonte, e tornavam a voltar.

Era mesmo má sorte a de Grimes. Ele estava morto. Grimes agora não passava de pedaços maiores e menores no compartimento de armazenagem da popa. Shapiro estivera espiando e havia pensado: É como se Deus tivesse decidido comer Grimes, mas achando o sabor ruim, o tinha cuspido.fora. Aquilo tinha sido demais para o estômago de Shapiro. ACuilo e a visão dos dentes de Grimes, espalhados pelo chão do compartimento de armazenagem.

Agora, ele esperava que Rand dissesse algo inteligente, mas Rand estava calado. Seus olhos seguiam as dunas, seguiam as linhas entre elas, profundas, enroladas como molas de relógio.

- Ei! -finalmente exclamou Shapiro. - O que faremos agora? Grimes está morto, logo, é você que o substitui no comando. 0 que faremos?

- O que faremos? - repetiu Rand. Seus olhos se moveram de um lado para outro, indo e vindo, acima da imobilidade das dunas. Um vento firme e seco abanou a gola emborrachada do traje de Proteção Ambiental. - Se você não tiver uma bola de vôlei, eu não sei.

- De que está falando?

- Não é o que se presume fazer na praia? -perguntou Rand. -Jogar vôlei?

Shapiro estivera muitas vezes assustado no espaço e bem perto do pânico, quando o incêndio começara. Agora, olhando para Rand, ouvia um rumor de medo, grande demais para compreendê-lo.

- Grande - disse Rand, sonhadoramente. Por um momento, Shapiro pensou que se referia ao medo dele próprio, de Shapiro. - Um diabo de praia grande. Um negócio como este pode continuar para sempre. A gente anda duzentos quilômetros com a prancha de surf debaixo do braço e ainda está onde começou, praticamente, sem nada para trás, além de seis ou sete pegadas impressas. E, se ficartbos no mesmo lugar cinco minutos, as últimas seis ou sete também desaparecem.

- Fez uma varredura topográfica geral, antes de cairmos? - perguntou Shapiro. Decidiu que Rand estava em choque. Rand estava em choque, porém não era louco. Poderia darlhe uma pílula, se fosse preciso e, se ele continuasse agindo idioticamente, poderia darlhe um tiro. - Você deu uma espiada nos...

Rand olhou brevemente para ele.

- O quê?

Nos lugares verdejantes. Era o que ia dizer. Soava como uma citação dos Salmos, e ele não conseguiria dizê-lo. O vento repicou cristalinamente em sua boca.

- O quê? - Rand tornou a perguntar.

- Varredura topográfica! Varredura topográfica! - gritou Shapiro. Nunca ouviu falarem varredura topográfica, seu teleguiado? Como é este lugar? Onde está o mar, no fim desta porra de praia? Onde estão os lagos? Onde fica o cinturão verde mais próximo? Em que direção? Onde termina o areal?

- Onde termina? Oh, já entendi. Ele nunca termina. Não há cinturões verdes nem calotas geladas. Não há oceanos. Esta é uma praia em busca de mar, chapa. Dunas, dunas e dunas, que nunca têm fim.

- E o que faremos quanto à água?

- Não há nada que possamos fazer.

- A nave... não tem conserto!

- Não me diga, Sherlock!

Shapiro calou-se. Tampouco adiantava ficar histérico. Achava que - era quase certo - se ficasse histérico, seu companheiro ficaria contemplando as dunas, até ele dar um jeito na situação. Ou não dar jeito nenhum.

Que nome se dá a uma praia que não tem fim? Ora, nós a chamamos de deserto! O maior, mais maldito deserto do universo, não é mesmo?

Em sua cabeça, ouviu Rand responder: Não me diga, Sherlock!

Ficou algum tempo ao lado de Rand, esperando que ele despertasse, quef-

zesse alguma coisa. Após um longo momento, sua paciência esgotou-se. Ele começou a deslizar e tropeçar, descendo a duna à qual tinham subido para observar os arredores. Sentia a areia sugando suas botas. Quero sugar você para baixo, Bill, sua mente imaginou a areia dizendo. Em seu cérebro, aquela era a voz seca e árida de uma velha, mas ainda terrivelmente forte. Quero sugar você, bem aqui, e dar-lhe uma grande... dentada... um grande... abraço...

Aquilo o fez recordar como costumavam revezar-se, deixando que outros os enterrassem até o pescoço na praia, quando era criança. Naquele tempo, era uma brincadeira divertida - agora, isso o assustava. Então, desligou aquela voz aquele não era o momento para canais de recordação, por Deus, não era mesmo -e caminhou através da areia em passadas curtas, vivas e bem definidas, inconscientemente tentando

desfigurar a perfeição daquela encosta, daquela superfície.

- Aonde é que você vai? - pela primeira vez, a voz de Rand mostrava um toque de lucidez e preocupação.

- O rádio - disse Shapiro. - Vou ligá-lo. Estamos em uma faixa mapeada de viagem. Ele será captado, vetorizado. É uma questão de tempo. Sei que as possibilidades são baixas, porém, talvez alguém apareça, antes que...

- O rádio ficou destroçado - disse Rand. - Aconteceu quando caímos.

- Talvez possa ser consertado - replicou Shapiro, por sobre o ombro.

Quando mergulhou pela escotilha, sentiu-se melhor, apesar dos odores - fios queimados e um jato acre de gás Freon. Disse para si mesmo que estava animado por ter pensado no rádio. Pouco importando o quão insignificante pudesse ser, o rádio oferecia alguma esperança. Contudo, não era o pensamento no rádio que lhe erguera o moral; se Rand dissera que estava quebrado, provavelmente devia estar mesmo quebrado. Só que, ali, ele deixava de ver as dunas -não veria mais aquela praia, a enorme extensão arenosa que não tinha fim.

Era isso que o fazia sentir-se melhor.

Quando tornou a atingir o topo da primeira duna, l,rtando e ofegando, as têmpuras latejando com o calor seco, Rand continuava lá, ainda espiando, espiando e espiando. Uma hora se passara. O Sol estava diretamente acima deles. O rosto de Rand estava molhado de suor. Como jóias, gotículas de transpiração aninhavamse em suas sobrancelhas. Outras escorriam por suas faces, como lágrimas. Mais ainda deslizavam pelos músculos de seu pescoço e penetrava pela gola do traje de Proteção Ambiental (PA), como gotas de óleo incolor, correndo nas entranhas de um andróide em perfeito estado.

Eu o chamei de teleguiado, pensou Shapiro, com um leve estremecimento. Céus, pois ele não parecia outra coisa - não um andróide, mas um teleguiado, que acabou de levar uma injeção no pescoço, com uma agulha gigantesca.

E, afinal de contas, Rand estivera errado.

- Rand?

Nenhuma resposta.

- O rádio não estava quebrado.

Houve uma fagulha nos olhos de Rand. Depois eles ficaram novamente opa-

cos, voltados para as montanhas de areia. Congeladas, foi o primeiro pensamento de Shapiro, mas supôs que se moviam. O vento era constante. Elas se moveriam. Em um período de décadas e séculos, elas acabariam movendo-se... bem, andariam. Não era

assim que chamavam às dunas sobre uma praia? Dunas andantes? Ele pareceu recordar isso de sua infância. Ou da escola. Ou de qualquer lugar, diabo, que importância tinha?

Então, viu um delicado estremecer de areia deslizar pelo flanco de uma delas. Como se ouvisse

(ouvisse o que eu pensava)

Suor fresco em sua nuca. Certo, estava ficando um tanto fantasioso. Quem não ficaria? Estavam em um lugar difícil, muito difícil. E Rand parecia não saber disso... ou não se importar.

- Tinha alguma areia e o warbler estava rachado, mas na caixa de bugigangas de Grimes talvez houvesse uns sessenta deles.

Será que ele está me ouvindo?

- Não sei como a areia entrou lá - ele estava justamente onde devia, no compartimento de armazenagem, atrás do beliche, três postigos fechados até o exterior, mas...

- Oh, a areia se espalha. Penetra em tudo. Lembra-se de quando ia à praia em criança, Bill? Quando a gente voltava para casa, nossa mãe brigava conosco, porque havia areia por toda parte, hem? Areia no sofá, na mesa da cozinha, debaixo de nossa cama. A areia da praia é muito... -ele fez um gesto vago, e então um sorriso sonhador, perturbado, assomou-lhe aos lábios - ... ubíqua.

- ... mas não avariou nada - prosseguiu Shapiro. - O sistema out-ptrt da corrente de emergência está tiquetaqueando e liguei o rádio nele. Coloquei os fones de ouvido por um minuto e pedi uma leitura de equivalência a cinqüenta parsecs. Soa como uma serra elétrica. É melhor do que podíamos esperar.

- Não virá ninguém. Nem mesmo os salva-vidas. O salva-vidas estão mortos há oito mil anos. Bem-vindo à Cidade do Surf, Bill. À Cidade do Surf sem ondas.

Shapiro se virou para as dunas. Perguntou-se por quanto tempo aquela areia estivera ali. Um trilhão de anos? Um quintilhão? Houvera vida ali algum dia? Talvez algo com inteligência? Rios? Lugares com plantas? Oceanos, que tornariam o lugar uma praia real, em vez de um deserto?

Shapiro ficou parado ao lado de Rand e pensou a respeito. O vento firme agitou seus cabelos. E, de repente, teve certeza de que todas aquelas coisas tinham existido, podia imaginar como haviam terminado.

A lenta recuada das cidades, enquanto suas vias canalizadas e navegáveis eram primeiro pontilhadas, depois pulverizadas, finalmente desviadas e sufocadas pela areia rastejante.

Ele podia veros cones aluviais de lama, em castanho brilhante, lisos como pele de foca a princípio, porém ficando mais e mais opacos em tonalidade, à medida que se espalhavam a partir da embocadura dos rios -estendendo-se mais e mais,

até se encontrarem. Podia ver a lama untuosa como pele de foca, transformar-se em pântanos infestados de juncos, acinzentando-se em seguida, ainda saibrosos, para finalmente se tornarem areia branca.

Podia ver montanhas encurtando-se como lápis de pontas refeitas, sua neve derretendo-se, enquanto a areia em ascensão jogava quentes rajadas térmicas contra elas. Podia ver os últimos penhascos apontando para o céu como pontas dos dedos de homens sepultados vivos. Podia vê-los cobertos e imediatamente esquecidos pelas dunas profundamente idióticas.

Que nome Rand lhes dera?

Ubíquas.

Se você acabou de ter ama visão, Billyzinho,foiuma terrível e maldita visão.

Oh, não tinha sido bem assim. Ela não era terrível, mas pacífica. Tão quieta, como uma soneca em tarde de domingo. O que havia de mais pacífico do que uma praia?

Procurou afastar tais pensamentos. Então, tornou a olhar para a nave.

- Não haverá nenhuma cavalaria -disse Rand. - A areia nos cobrirá. Depois de algum tempo, seremos areia e a areia será nós. A Cidade do Surf sem ondas - pode pegar aquela onda, Bill?

E Shapiro ficou assustado, porque podia pegá-la. Não se podia ver todas aquelas dunas sem tal sensação.

- Maldito teleguiado cretino - disse.

Voltou para a nave. E escondeu-se da praia.

Finalmente o sol se pôs. Era a hora em que, na praia - qualquer praia de verdade - a gente vai encerrando o vôlei, vestindo os blusões e se preparando para as salsichas e cervejas. Ainda não é hora de transar com uma garota, mas quase. É hora de ficar pensando na transa.

Salsichas e cervejas não faziam parte do estoque de comestíveis do ASN/29.

Shapiro passou a tarde engarrafando cuidadosamente toda a água da, nave. Usava um vácuo portátil para sugar o que quer que houvesse escorrido das artérias do sistema de suprimento da nave e empoçado no chão. Conseguiu captar até mesmo o pouquinho que restara no fundo do estraçalhado sistema hidráulico do tanque d'água. Não esqueceu nem mesmo o pequeno cilindro nas entranhas do sistema de purificação do ar, que fazia o ar circular nas áreas de armazenagem.

Por fim, foi até a cabine de Grimes.

Grimes mantinha peixes dourados em um tanque circular, construído especialmente para condições livres da ação da gravidade. O tanque havia sido construído em plástico transparente polymer, resistente ao impacto e suportara a queda sem dificuldade. Os peixes dourados - como seu dono - não eram resistentes ao impacto. Flutuavam em um frouxo monte alaranjado no topo da bola, a qual fora pousar debaixo do beliche de Grimes, juntamente com três pares de roupa debaixo imundos e meia dúzia de cubos holográficos pornô.

Ele segurou o aquário-globo por um momento, olhando fixamente para seu interior.

- Lá se foi o pobre Yorich... Eu o conhecia bem... - disse de repente e riu, uma risada estridente, angustiada.

Então, pegando a rede que Grimes guardava em seu armário da cabine, mergulhou-a no tanque. Removeu os peixes, perguntando-se o que fazer com eles. Após um momento, levou-os à cama de Grimes e ergueu seu travesseiro.

Havia areia debaixo deles.

Mesmo assim, deixou os peixes ali e, sem seguida, despejou cautelosamente a água dentro dojerrican que usava como recipiente. Ela deveria ser totalmente purificada, mas ainda que os purificadores não estivessem funcionando, Shapiro refletiu que, em mais dois dias, pouco estaria ligando se precisasse beber água de aquário, apenas porque poderia conter algumas escamas soltas e vestígios de fezes de peixes dourados.

Purificou a água, dividiu-a e levou a parte que cabia a Rand até o alto, na encosta da duna. Rand continuava no mesmo lugar, como se não houvesse dado um só passo.

- Trouxe sua ração de água, Rand.

Shapiro abriu o zíper do bolso frontal no traje PA de Rand e enfiou em seu interior o frasco chato de plástico. Ia fechar o zíper, quando Rand empurrou sua mão e retirou o frasco. Na frente do frasco estava impresso: FRASCO CL - ESTOQUE DE SUPRIMENTOS DA NAVE CLASSE/ASN - N.° 23196755. ESTÉRIL QUANDO O SELO ESTIVER INTATO. O selo agora tinha sido rompido, é claro; Shapiro tivera que encher o frasco.

- Eu purifiquei...

Rand abriu os dedos. O frasco tombou na areia, com um plaft macio.

- Não quero.

- Não... Rand, o que há de errado com você? Céus, quer parar com isso?

Rand não deu resposta.

Abaixando-se, Shapiro recolheu o frasco n.° 23196755. Limpou a areia que aderira aos lados, como se fosse enormes e inchados micróbios.

- O que há de errado com você? - repetiu Shapiro. - Será choque? Acha que seja isso? Bem, eu posso dar-lhe uma pílula... ou uma injeção. Só que começa a irritar-me, se quer saber. Ver você aí parado, olhando para os próximos sessenta quilômetros de nada! É só areia! Nada mais que areia!

- É uma praia - disse Rand, sonhadoramente. - Quer fazer um castelo de areia?

- Tudo bem - suspirou Shapiro. - Vou pegar uma agulha e uma ampola de Yellowjack. Se quer agir como um maldito teleguiado, é assim que vou tratá-lo. Como a um teleguiado!

- Se tentar injetar-me alguma coisa, é bom ficar quieto, quando se esgueirar por trás de mim -disse Rand, em voz tranqüila. - Do contrário, vou quebrar seu braço.

Ele também podia fazer isso. Shapiro, o astrogador, pesava setenta quilos e media um e sessenta e dois. 0 combate físico não era sua especialidade. Grunhiu

um xingamento e deu meia volta, começando a caminhar para a nave, com o frasco de Rand na mão.

- Eu acho que está viva - disse Rand. - Tenho absoluta certeza.

Shapiro olhou para trás, para Rand, depois para as dunas. O sol poente lhes emprestara uma filigrana dourada, desenhando-se sobre suas cumiadas lisas e ondulantes, uma filigrana que se matizava delicadamente para o ébano mais negro nas depressões; na duna seguinte, o ébano passava para dourado. De dourado a negro. De negro a dourado. De dourado a negro e de negro a dourado e de dourado a...

Shapiro piscou rapidamente e esfregou os olhos com a mão.

- Por várias vezes, senti esta duna se mover sob meus pés -disse-lhe Rand. -Ela se move com a maior graciosidade. É como sentir a maré. Posso farejar seu cheiro no ar e há sal nesse cheiro.

- Você está louco - disse Shapiro.

Estava tão aterrorizado, que tinha a sensação de que seus miolos se haviam transformando em vidro. Rand não respondeu. Seus olhos continuavam perscrutando as dunas, que iam de dourado a negro e de negro a dourado, naquele pôr-do-sol.

Shapiro retornou à neve.

Rand permaneceu sobre a duna a noite inteira e todo o dia seguinte.

Ao olhar para fora, Shapiro o viu. Rand despira seu traje PA e a areia quase cobrira a veste. Apenas uma manga ficara para fora, melancólica e suplicante. A areia acima e abaixo deu a Shapiro a impressão de dois lábios, sugando um bocado tenro com desdentada voracidade. Sentiu uma vontade louca de subir até o alto da duna e recolher

o traje PA de Rand.

Acabou não indo.

Sentado em sua cabine, esperou pela nave de socorro. O Freon já se dissipara, agora substituído pelo cheiro ainda menos desejável da decomposição de Grimes.

A nave de socorro não apareceu naquele dia, naquela noite e nem no terceiro dia.

De alguma forma, a areia conseguiu penetrar na cabine de Shapiro, embora a escotilha estivesse fechada e o selo ainda aparentemente intato. Com o vácuo portátil, ele sugou os pequenos montículos de areia, como havia sugado as poças de água espalhadas, naquele primeiro dia.

Estava sedendo o tempo todo. Seu frasco já estava quase vazio.

Julgou começar a sentir o cheiro de sal no ar. Ao dormir, ouvia grasnido de gaivotas.

Também ouvia a areia.

O vento firme movia a primeira duna para mais perto da nave. Sua cabine continuava em ordem, - graças ao váculo portátil - mas a areia começava a assenhorear-se do resto. Dunas em miniatura haviam passado pelas fechaduras estouradas e invadiam a ASN/29. A areia despejava-se em gavinhas e membranas

através de aberturas. Havia um sedimento depositado em um dos tanques explodidos.

O rosto de Shapiro ficou emaciado e seixoso, com um sombreado de barba.

Perto do pôr-do-sol do terceiro dia, ele subiu à duna para observar Rand. Pensou em levar uma seringa hipodérmica, mas desistiu. Aquilo era muito mais do que choque, agora tinha certeza. Rand ficara insano. Seria melhor se ele morresse rapidamente, e tudo indicava ser isso mesmo o que ia acontecer.

Shapiro estava emaciado, Rand ficara descarnado. Seu corpo era um graveto esquelético. Suas pernas, antes fortes e grossas, com musculatura vigorosa, agora estavam frouxas e finas. Apele pendia delas como meias folgadas que estão sempre caindo. Ele usava apenas a cueca, de náilon vermelho, que tinha a absurda aparência de um frouxo calção de banho. Uma ligeira barba começara a surgir em seu rosto, cobrindo as faces encovadas e o queixo. A barba de Rand era cor de areia da praia. Seus cabelos, anteriormente exibindo um tom indefinido de castanho, haviam-se desbotado para quase louros. Agora, pendiam-lhe sobre a testa. Somente os olhos, espiando através da franja com viva intensidade azul, ainda pareciam totalmente animados. Eles estudavam a praia.

(as danas, as malditas DUNAS)

incessantemente.

Nesse momento, Shapiro viu algo ruim. Aliás, muito ruim. Viu que o rosto de Rand transformava-se em uma duna de areia. Sua barba e cabelos combinavam com a pele.

- Você vai morrer - disse Shapiro. - Se não vier para a nave e beber, acabará morrendo,

Rand nada disse.

- E isso o que yirer?

Nada. Houve o sibiliar vazio do vento e nada mais. Shapiro observou que as dobras no pescoço de Rand estavam se enchendo de areia.

- A única coisa que eu quero - disse Rand, em voz fraca, distante como o vento, - são as minhas fitas dos Beach Boys. Estão em minha cabine.

- Dane-se! - bufou Shapiro, furioso. - E quer saber o que eu espero? Espero que uma nave chegue antes de você morrer. Quero vê-lo esbravejar e gritar, quando o arrancarem para longe de sua preciosa e maldita praia. Quero ver o que. então vai acontecer!

- A praia irá capturá-lo também - disse Rand. Sua voz era vazia e chocaIhante, como vento dentro de uma abóbora partida - uma abóbora que fora deixada em um campo, no fim da última colheita de outubro. - Escute só, Bill. Escute a onda.

Rand ladeou a cabeça. Sua boca entreaberta mostrava a língua. Uma língua estorricada como esponja seca.

Shapiro ouviu algo.

Ouviu as dunas. Elas entoavam canções das tardes domingueiras na praia sonecas na praia, sem sonhos. Longas sonecas. Uma paz absoluta. 0 som de gai-

votas grasnando. Partículas impensadas, à deriva. Dunas andantes. Ele ouviu... e foi atraído. Atraído para as dunas.

- Você ouviu - disse Rand.

Shapiro levou a mão ao nariz e fincou dois dedos, até fazê-lo sangrar. Então, pôde fechar os olhos; seus pensamentos voltaram, lentos e desajeitadamente ligados. Seu coração disparava.

Eu estala quase como Rand. C~irs!... Quase fiú apanhado!

Tornou a abrir os olhos e viu que Rand se transformara em uma concha, em uma praia há muito deserta, espichando-se em direção a todos os mistérios de um mar não-morto, olhando fixamente para dunas, dunas e dunas.

Já basta! gemeu Shapiro para si mesmo.

Oh, ouça só o rumor desta onda, sussurraram as dunas.

Contra a vontade, Shapiro ouviu.

E pensou: Eu oueiria melhor, se me sentasse.

Acomodou-se aos pés de Rand, os calcanhares sobre as coxas, como um índio yaqui, e ouviu.

Ouviu os Beach Boys, e eles cantavam sobre divertir-se, divertir-se, divertirse. Ouviu-os cantar que as garotas da praia estavam todas ao alcance. Ouviu...

... um suspiro oco do vento, não em seus ouvidos, mas no desfiladeiro entre o cérebro direito e o esquerdo -ouviu aquele suspiro em algum ponto da escuridão cruzada apenas pela ponte suspensa do corpo caloso, que liga o pensamento consciente ao infinito. Shapiro não sentia qualquer fome, sede, calor ou medo. Ouvia apenas a voz no vazio.

Então, apareceu uma nave.

Ela surgiu arremetendo do céu, sua combustão retardada riscando um comprido traço alaranjado, da direita para a esquerda. O estrondo contornou a topografia ondulada em delta e várias dunas desmoronaram, como um cérebro danificado pelo rastro de uma bala. Esse estrondo penetrou na cabeça de Billy Shapiro, fendeu-a e, por um momento, ele ficou dividido entre os dois lados, partidá, cortado ao meio...

Então, estava de pé.

- Uma nave! - gritou. - Céus! Uma nave! Uma nave! UMA NAVE!

Tratava-se de uma nave mercante daquela faixa, suja e castigada por quinhentos anos - ou cinco mil - a serviço do clã. Ondulou atraves do ar, estrondeou cruamente na vertical e derrapou. O capitão acionou os jatos, fundindo a areia em vidro negro. Shapiro aplaudiu o ferimento.

Rand olhou em torno, como se despertasse de um sono profundo.

- Diga a ela para ir embora, Billy.

- Você não compreende? - Shapiro andava tropegamente em círculos, sacudindo os punhos no ar. - Você ficará bem...

Depois começou a correr para a suja mercante, em grandes passadas saltadas. como um canguru fugindo de um tiroteio rasante. A areia quis agarrá-lo, Shapiro

a chutou. Dane-se, areia! Tenho uma garota, lá em Hansonville. Areia nunca teve nenhuma garota. Praia, nunca tiveram uma ereção.

A carcaça da mercante se abriu. Uma passarela saltou para fora, como uma língua. Um homem desceu por ela. atrás de três modelos de andróides e de um sujeito formado por placas rolantes, que certamente seria o capitão. De qualquer modo, usava um quepe com

um símbolo de clã.

Um dos andróides agitou um tipo de bastão para ele. Shapiro o afastou de seu caminho. Caiu de joelhos diante do capitão e abraçou os degraus rolantes que lhe substituíam as pernas mortas.

- As dunas... Rand... sem água... vivo... hipnotizaram-no... um mundo teleguiado... Eu... graças a Deus...

Um tentáculo de aço chicoteou o ar à sua volta e o puxou. arrastando-o deitado, por sobre a barriga. A areia seca cochicou debaixo dele. parecendo gargalhar.

- Tudo bem - disse o capitão. - Be Y-at shr!! Me.' Me! Cat!

O andróide soltou Shapiro e afastou-se rangendo furiosamente consigo mesmo.

- Tudo isto por um maldito Fed.' - exclamou o capitão, amargurado.

Shapiro chorou. Não era apenas a sua cabeça que doía. mas também o fígado.

- Dud!. Gee-vat! Agua-para-o-que-Chora!

O homem que viera ã frente do grupo arremessou-lhe uma espécie de mamadeira para baixa gravidade, provida de bico. Shapiro recolheu-a no ar e sugou vorazmente. derramando água fria como cristal dentro da boca e pelo queixo, escorrendo em filetes que lhe escureciam a túnica. desbotada para a cor do osso. Ele se engasgou. vomitou, tornou a beber.

Dud e o capitão o observavam atentamente. Os andróides tilintaram.

Por fim. Shapiro enxugou a boca e sentou-se. Agora. sentia-se indisposto e bem ao mesmo tempo.

- Você Shapiro? - perguntou o capitão.

Shapiro assentiu.

- Afiliação de clã?

- Nenhuma.

- Número da ASN?

- '_'9.

- Tripulação?

- Três. Um está morto. O outro

- Rand - está lá em cima - disse Shapiro,

apontando, mas sem olhar.

O rosto do capitação não se alterou, mas sim u de Dud.

- A praia o capturou - explicou Shapiru. Notou os olhares velados e questionantes. - Talvez... esteja em choque. Ele parece hipnotizado. Fica falando sobre os... os Beach Boys... oh, não importa, vocês não compreendem. Não sabem quem são. Ele não quis comer nem beber. Está mal.

- Dud, leve um dos andróides e traga-u para baixo. - O capitão abanou a cabeça. - Céus, nave da Federação! Sem salvagem!

Dud assentiu. Momentos depois, ele subia dificultosamente uma encosta da duna, com um dos andróides. O andróide parecia um surfista de vinte anos, que poderia conseguir um dinheiro extra para drogas servindo a viúvas entediadas, porém seu andar o denunciava mais do que os tentáculos segmentados que lhe cresciam nas axilas. O andar, comum a todos os andróides, era o caminha lento, reflexivo e quase doloroso de um velho mordomo inglês com hemorróidas.

Houve um zumbido no painel de instrumentos do capitão.

- Estou aqui.

- Fala Gomez, capitão. Estamos com um problema. A varredura topográfica e a telemetria de superfície indicam um solo muito instável. Não há leito rochoso para sustentar-nos. Estamos sustidos por nossas próprias reservas de empuxo e, neste exato momento, i sso pode ser a coisa mais sólida em todo o planeta. O problema é que essas reservas começam a perigar.

- Recomendação?

- Devemos partir.

- Quando?

- Há cinco minutos.

- Você é um amotinador cômico, Gomez.

O capitão apertou um botão e a comunicação interrompeu-se. Os olhos de Shapiro giravam nas órbitas.

- Ouça, não se incomode com Rand. Ele está perdido!

- Vou levar os dois de volta - disse o capitão. - Não receberei nenhuma salvagem, mas a Federação certamente pagará algo por vocês... não que qualquer dos dois valha grande coisa, pelo que posso ver. Ele está maluco e você é insignificante.

- Não... você não compreende. Você...

Os astutos olhos amarelos do capitão cintilaram.

- Tem algum contrabando? - perguntou.

- Capitão... ouça... por favor...

- Porque se tem, não faz nenhum sentido deixá-lo aqui. Diga-me o que é e onde está. Racharemos, setenta-trinta. Honorário padrão para aquele que o recolhe. Não podia ser melhor do que isso, hem? Você...

A reserva de empuxo inclinou-se subitamente. Foi bastante visível a sua inclinação. Uma buzina, em algum ponto no interior da nave mercante, começou a soar com abafada regularidade. O comunicador no painel de instrumentos do capitão interrompeu-se de novo.

- Aí está! - gritou Shapiro. - Vii agora o qt¡e tem pela frente? Ainda quer falarem contrabando? NÓS TEMOS É QUE SAIR DAQUI IMEDIATAMENTE!

- Cale a boca, simpático, ou farei com que um desses sujeitos lhe dê um sedativo - disse o capitão.

Sua voz era serena, mas os olhos haviam mudado. Ele apertou o botão do comunicador.

- Capitão, estou com dez graus de inclinação e a coisa está aumentando. 0

elevador está descendo, mas em ângulo. Ainda temos tempo, só que muito pouco. A nave acabará caindo.

- Os suportes a manterão.

- Não, senhor. Peço desculpas, capitão, mas será impossível.

- Comece a disparar seqüências, Gomez.

- Obrigado, senhor.

O alívio na voz de Gomez era indisfarçávei. Dud e o andróide vinham descendo a encosta da duna, porém Rand não estava com eles. O andróide foi ficando mais e mais atrasado e, então, aconteceu algo estranho. Ele caiu ao comprido, sobre o rosto. O capitão franziu o cenho. O andróide não caiu como se suporia que caísse, isto é, mais ou menos como um ser humano. Foi como se alguém empurrasse um manequim, em uma loja de departamentos. Ele caiu precisamente assim, de cara no chão. Houve um ploft! e uma pequena nuvem de areia se elevou à sua volta.

Dud recuou e ajoelhou-se perto dele. As pernas do andróide continuavam a agitar-se, como se ele - em seu 1,5 milhões de microcircuitos refrigerados a Freon que compunha

sua mente - sonhasse que ainda caminhava. Contudo, os movimentos das pernas eram lentos e rangentes. Depois cessaram. A fumaça começou a brotar-lhe dos poros e seus tentáculos estremeceram na areia. Era tão horripilante, como ver um humano morrer. Um profundo rangido brotou de suas entranhas: Graaaagggg!

- Está cheio de areia - sussurrou Shapiro. - Foi atacado pela religião dos Beach Boys.

O capitão olhou impacientemente para ele.

- Não seja ridículo, homem! Aquela coisa poderia caminhar através de uma tempestade de areia, sem que um só grão a penetrasse!

- Não neste mundo.

Os empuxos de reserva perigaram novamente. Agora, a nave mercante mostrava uma visível inclinação. Houve um ruído surdo, quando seus suportes receberam um peso maior.

- Deixe-o! - gritou o capitão para Dud. - Deixe-o, deixe-o! Geeyat! Come-me-for-Cry!

Dud aproximou-se, deixando que o andróide caminhasse de rosto contra a areia.

- Que confusão! - murmurou o capitão.

Ele e Dud iniciaram uma conversa inteiramente em rápido dialeto simplificado, que Shapiro conseguiu entenderem parte. Dud contou ao capitão que Rand se recusara a vir. O andróide tentara agarrá-lo, porém sem muita força, já que se movia espasmodicamente e estranhos chiados brotavam de seu interior. Além disso, ele começara a recitar uma combinação das coordenadas na extração de carvão galáctico e de um catálogo das gravações de música folclórica do capitão. Então, o próprio Dud se aproximara de Rand, agarrando-o. Os dois lutaram brevemente. 0 capitão respondeu que, se Dud permitira que um homem, parado ao sol quente

durante três dias, levasse a melhor sobre ele, então talvez devesse arranjar um outro Primeiro.

O rosto de Dud ensombreceu-se com seu constrangimento, mas persistiu a expressão grave, preocupada. Ele virou lentamente a cabeça, mostrando quatro profundas estrias em sua face. As estrias começavam a inchar.

- Him-gat big indics - disse Dud. - Strong-for-Cry. Him-gat for eomby.

- Umby-him.for Cry?

O capitão olhava consternado para Dud. Dud assentiu.

- Umby. Beyat shel. Umby-for-Cry.

Shapiro estivera franzindo o cenho, espremendo sua mente fatigada e com medo para

entender aquela palavra. Então, recordou. Umby. Significava louco. PorDeus, ele é forte. Forte, porque está louco. Ele tem muitos expedientes, muita força. Porque está louco.

Muito expediente... ou talvez, isso significasse muitas ondas. Shapiro não tinha certeza. De qualquer forma, dava tudo no mesmo.

Umby.

O solo deslizou sob eles novamente e a areia escorreu pelas botas de Shapiro.

De trás deles, veio o surdo ka-thud, ka-thnd, ka-thud, quando os tubos respiratórios se abriram. Shapiro o considerou um dos mais belos sons que já ouvira em sua vida.

O capitão parecia refletir intensamente, um estranho centauro, cuja metade inferior se compunha de degraus e placas, em vez de um cavalo. Depois, olhando para cima, ele pressionou o comunicador.

- Gomez, faça Excelente Montoya descer aqui com uma pistola tranqüilizante.

- Entendido.

O capitão olhou para Shapiro.

- E agora, para cúmulo, perdi um andróide valendo o seu salário pelos próximos dez anos! Não gostei disso. Quero levar o seu companheiro.

- Capitão...

Shapiro não pôde deixar de passar a língua pelos lábios. Sabia que era um gesto impróprio. Não queria parecer louco, histérico ou covarde mas, aparentemente, o capitão decidira que era as três coisas. Lamber os lábios daquela maneira, apenas acentuaria a impressão... mas não conseguira conter-se.

- Capitão - repetiu - não posso convencê-lo da imperiosa necessidade de sair deste mundo o mais depressa poss...

- Pode, teleguiado - disse o capitão, não sem gentileza.

Um grito fraco soou no alto da duna mais próxima.

- Não me toquem! Não cheguem perto de mim! Deixem-me em paz! Todos vocês!

- Big indics gat umby - disse Dud, em tom grave.

- Ma-him, yeah-mon - replicou o capitão, e então se virou para Shapiro. Ele está mesmo ruim, não está?

Shapiro estremeceu.

- Você não entende. Você apenas...

As reservas de empuxo tornaram a oscilar. Os suportes grunhiam mais alto do que nunca. O comunicador estalou. A voz de Gomez parecia distante, um pouco irregular.

- Temos que sair daqui agora. capitão!

-- Está bem. - Um homem moreno apareceu na passarela. Empunhava uma comprida pistola na mão enluvada. O capitão apontou para Rand: - Ma-him, for-Cry. Can?

Excelente Montoya, inalterado pela terra inclinada que não era terra, mas apenas areia fundida em vidro (e Shapiro viu que agora havia profundas rachaduras cruzando aquele vidro), sem ligar para os suportes rangentes ou a visão fantástica de um andróide que agora parecia cavar a própria sepultura com os pés, estudou a figura esquelética de Rand por um momento.

- Can - respondeu ele.

- Gat! Gat-iÓr-Cry! - O capitão cuspiu a um lado. - Arranque-lhe o pau fora, que não me incomodo - disse. - Desde que continue respirando, quando embarcarmos.

Excelente Montoya ergueu a pistola. O gesto era aparentemente dois-terços causal e um-terço descuidado, mas mesmo em seu estado de quase pânico, Shapiro percebeu a maneira como Montoya inclinava a cabeça para um lado, ao erguer o cano da arma. Como acontecia a muitos nos clãs, a pistola quase fazia parte dele, assemelhando-se a um prolongamento de seu próprio dedo.

Houve um,fuit! surdo, quando ele apertou o gatilho e o dardo do tranqüilizante disparou pelo cano.

Uma mão se ergueu das dunas e agarrou o dardo.

Era uma grande mão marrom, ondulante, feita de areia. Ela simplesmente se ergueu, desafiando o vento e esbatendo o brilho momentâneo do dardo. Em seguida, a areia caiu de volta ao lugar, com um pesado thrrrrap. Não houvera mão alguma. Era impossível acreditar que houvera. Contudo, todos a tinham visto.

- Giddy-hrímp - disse o capitão, quase como se conversasse.

Excelente Montoya caiu de joelhos.

- Aidy-May-/ór-Cry, bit-gat come! Saw-hoh got belly-gat-gor-Cry!...

Entorpecidos, Shapiro percebeu que Montoya rezava um rosário em dialeto. No alto da duna, Rand dava saltos, sacudindo os punhos para o céu, guinchando fracamente em triunfo.

Uma mão. Era ama MÃO. Ele tem razão; a areia está viva, viva, viva...

- lndic! - disse bruscamente o capitão a Montoya. - Cannit! Gat!

Montoya se calou. Seus olhos focalizaram a figura saltadora de Rand e depois se desviaram. Seu rosto estava tomado por supersticioso horror, quase medieval em qualidade.

- Muito bem - declarou o capitão. - Já chega para mim. Desisto! Vamos embora.

Apertou dois botões em seu painel de controle. O motor que deveria girá-lo perfeitamente, a fim de colocá-lo outra vez de frente para a passarela, não emitiu qualquer zumbido; apenas crepitou e chiou. O capitão praguejou. O empuxo de reserva tornou a oscilar.

- Capitão! - chamou Gomez, em pânico.

O capitão apertou rapidamente outro botão e os degraus rolantes de suas permas começaram a girar em marcha à ré, subindo a passarela.

- Guie-me -disse ele a Shapiro. - Não tenho nenhum maldito espelho retrovisor. Aquilo foi uma mão, não foi?

- Foi.

- Quero dar o fora daqui - disse o capitão. - Há quatorze anos não tenho um pau mas, neste exato momento, tenho a sensação de que estou me mijando.

Thrrrap! Uma duna se desfez subitamente, caindo sobre a passarela. Só que não era um duna, mas um braço.

- Dane-se, oh, dane-se! - exclamou o capitão.

Em sua duna, Rand saltava e guinchava.

Agora, a fiação da metade inferior do capitão começou a crepitar. O minitanque, do qual sua cabeça e ombros eram a torrinha, pôs-se a rodar para trás.

- O quê...

Os degraus rolantes emperraram. A areia saltava de entre eles.

- Levantem-me! - berrou o capitão para os dois andróides remanescentes. - Agora! JÁ!

Os tentáculos dos andróides envolveram as rodas dentadas dos degraus que eram as pernas do capitão, quando o ergueram no alto - ele mostrava uma ridícula semelhança com um membro de universidade, prestes a ser arremessado em um lençol, por um bando de ruidosos rapazes de fraternidade. Ele apertava o comunicador.

- Gomez! Dispare a seqüência final! Agora! Agora!

A duna aos pés da passarela deslizou, modificou-se. Tornou-se uma mão. Uma grande mão marrom, que começou a subir pela passarela inclinada.

Com um grito agudo, Shapiro saltou de perto daquela mão.

Praguejando o capitão foi levado para longe dela.

A passarela foi içada. A mão descambou, virou areia novamente. A escotilha irizada se fechou. Os motores rugiam. Não havia tempo para uma poltrona; não havia tempo para nada semelhante. Shapiro caiu em~posição agachada sobre o anteparo e foi imediatamente achatado pela aceleração. Antes que a inconsciência o subjugasse, teve a impressão de sentir a areia arranhando a nave mercante, com musculosos braços marrons, tentando puxá-los para baixo...

Então, elevaram-se e afastaram-se dali.

Rand os espiou indo embora. Estava sentado. Quando a esteira dos jatos da nave mercante finalmente desapareceram do céu, ele voltou os olhos para o plácido infinito das dunas.

- "Temos um calhambeque 34, cujo nome é Horroroso - cantou casquina-

damente para a areia vazia e móvel. - Não tem nada de pintoso; está idoso, mas é gostoso."

Lenta e deliberadamente, ele começou a enfiar na boca punhado após punhado de areia. Engoliu... engoliu... engoliu. Em pouco, seu ventre era uma barrica inchada, a areia começou a amontoar-se sobre suas pernas.